

# RELEVO DISCURSIVO E USO DO PASSADO IMPERFECTIVO EM NARRATIVAS LITERÁRIAS<sup>1</sup>

Márluce COAN<sup>2</sup>

Valdecy de Oliveira PONTES<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste artigo, discutimos a correlação entre plano discursivo figura e perfectividade e plano discursivo fundo e imperfectividade, visando a demonstrar que formas imperfectivas, além de descrever, comentar, informar detalhes, ou seja, dar suporte às ações principais, também são responsáveis pela progressão narrativa. Analisamos dados de pretérito imperfecto e de perífrases imperfectivas em vinte e quatro contos escritos por autores de língua espanhola, selecionados a partir do parâmetro comarca cultural: Caribe; México e América Central; Andes; Rio da Prata; Chile e Espanha. Obtivemos um total de 2093 dados, sendo que 1803 desses são de formas do pretérito imperfecto do indicativo, 86,15% do total, e 290 de perífrases imperfectivas de passado, o que corresponde a 13,85% do total. Constatamos que as formas imperfectivas de passado, geralmente usadas como pano de fundo da narrativa, podem, também, atuar na progressão textual. Nossos resultados apontam, ainda, para a atuação do imperfecto e das perífrases na codificação de várias funções: (i) as funções descritiva, narrativa, habitual e desiderativa são codificadas variavelmente pelo imperfecto e pelas perífrases; (ii) as funções iterativa, presente, futuro, simultaneidade, cortesia, lúdica e contrariedade são codificadas, no *corpus* sob análise, apenas pelo imperfecto.

**Palavras-chave:** Relevo Discursivo. Pretérito Imperfeito. Perífrases Imperfectivas.

<sup>1</sup> Este estudo é um recorte da tese de doutorado “O pretérito imperfecto do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado em contos literários escritos em espanhol: um estudo sociofuncionalista”, defendida por Valdecy de Oliveira Pontes junto ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, em 2012, sob orientação da Profa. Dra. Márluce Coan.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística – UFSC; Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará – UFC; Coordenadora do Grupo de Pesquisas SOCIOLIN-CE/UFC. coanmalu@ufc.br

<sup>3</sup> Doutor em Linguística – UFC; Professor do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará – UFC; Pesquisador do Grupo SOCIOLIN-CE/UFC. valdecy.pontes@ufc.br

## Introdução

No plano textual-discursivo, as informações são apresentadas ou em figura, o que corresponde à ordenação dos fatos, indicando progressão dos acontecimentos, ou em fundo, para exposição do cenário, de detalhes, descrições, comentários. Comumente, formas aspectuais perfectivas,<sup>4</sup> incluindo-se o pretérito perfeito, são usadas em figura, ao passo que formas imperfectivas, por exemplo, o pretérito imperfeito, codificam o fundo. Essa correlação clássica, no entanto, nem sempre ocorre, motivo pelo qual discorreremos acerca desse tema. Em narrativas, encontramos formas perfectivas atuando como fundo e formas imperfectivas atuando na progressão dos fatos, como, também, outras funções para estas formas, por exemplo, formas imperfectivas atuando na progressão da narrativa para conferir um efeito de lentificação da ação, com o objetivo de criar uma atmosfera de suspense. Além disso, algumas vezes, é difícil delimitar com precisão o que é figura e o que é fundo na narrativa, pois não se trata de categorias discretas.

Segundo Maldonado (1992), tem-se estudado a imperfectividade no texto narrativo pela relação que o Aspecto apresenta com a narrativa e também por ser a narrativa um tipo de texto que oferece uma grande variedade de usos da imperfectividade. Para analisar a imperfectividade, pode-se recorrer à classificação das partes da narrativa feita por Labov (1972b) ou à distinção entre orações narrativas e não-narrativas realizada por Labov e Waletzky (1967), ampliada por outros linguistas como Hopper e Thompson (1980), para incluir os conceitos de figura e fundo, inclusão intrinsecamente vinculada à oposição aspectual entre perfectividade e imperfectividade: as orações narrativas que atuam como figura são perfectivas e as que atuam como fundo são imperfectivas.

Neste artigo, visamos à análise, em narrativas escritas em espanhol, do pretérito imperfeito do indicativo e de perífrases imperfectivas de passado<sup>5</sup> em correlação com os planos discursivos – figura/fundo. Para cumprir tal intento, selecionamos vinte e quatro contos, distribuídos igualmente por

<sup>4</sup> Na seção 1, tratamos das noções de perfectividade e imperfectividade.

<sup>5</sup> Para a identificação e catalogação das perífrases aspectuais imperfectivas de passado, utilizamos a interrogação e a ênfase como provas sintáticas. No tocante ao nível semântico, consideramos a prova léxico-semântica, elencada por Gómez Torrego (1988). Segundo o autor, para que uma estrutura seja considerada como perífrase, o verbo auxiliar deve perder parte do seu significado inerente para cumprir sua função.

comarca cultural: Caribe; México e América Central; Andes; Rio da Prata; Chile e Espanha.<sup>6</sup>

Nas próximas seções, discutiremos a relação entre as formas imperfeitas de passado e os planos figura e fundo na narrativa. Primeiramente, nas seções teóricas, apresentamos algumas considerações sobre aspecto, especificamente, sobre as noções de perfectividade e imperfectividade, e tratamos dos planos da narrativa: figura e fundo. Na seção de natureza metodológica, apresentamos o *corpus* utilizado para a pesquisa; seguem-se a essas seções mais três seções de análise, nas quais apresentamos o uso de formas imperfeitas (imperfeito e perífrases) de acordo com o relevo discursivo: focalizamos o percurso forma > uso narrativo; correlacionamos as formas sob análise às funções que codificam e cada função ao relevo discursivo, em duas perspectivas: funções codificadas, no *corpus*, somente pelo pretérito imperfeito e funções codificadas variavelmente pelas formas sob análise.

## Aspecto verbal: perfectividade e imperfectividade

O termo Aspecto é uma tradução da palavra russa *vid*, utilizada na gramática eslava para a diferenciação entre os verbos perfectivos e imperfectivos, distinção que, conforme Mounin (1968), vem da gramática latina. A divisão entre os verbos *infectum/perfectum* foi proposta no século I A.C por Varrón, que retoma da gramática grega as noções temporais de ação estendida e completa. Os gramáticos checos, por sua vez, introduziram essa noção no estudo da distribuição aspectual.

De acordo com Genta (2008), a noção de Aspecto nas línguas eslavas se manifesta diferentemente de sua manifestação em outras línguas, pois os sistemas verbais não estão baseados em uma divisão temporal (como ocorre nas línguas românicas), mas têm base aspectual. Por exemplo, nas línguas eslavas, o par perfectivo/imperfectivo não se manifesta somente nas formas de passado, mas também em formas de imperativo, infinitivo etc.

Já o sistema categorial dos verbos românicos tem base tipicamente temporal. Coseriu (1976) considera que as noções de Tempo e Aspecto estão ligadas e são de difícil delimitação, pois são categorias correlacionadas. Nessa perspectiva, o Tempo afetaria a posição da ação verbal em sua execução.

<sup>6</sup> A partir da classificação de comarcas culturais de Rama (1982), incluímos este país como a sexta comarca.

O Aspecto, por sua vez, afeta a maneira de considerar a ação verbal no tempo (concluída ou em desenvolvimento).

Ilari (2001) afirma que Aspecto e Tempo, nas línguas românicas, são categorias temporais no sentido de que têm por base referencial o tempo físico, mas que, semanticamente falando, a categoria Tempo faz referência ao tempo externo, presente, passado e futuro (e suas subdivisões), já o Aspecto refere-se ao tempo interno da situação reportada, com noção de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim. Logo, podemos conceber Aspecto como uma categoria que caracteriza os diferentes modos de perceber a constituição temporal de uma determinada situação. Essa constituição, segundo Comrie (1990), pode dar-se sem distinção de etapas (Aspecto perfectivo) ou em sua constituição interna (Aspecto imperfeito). Desse modo, o perfectivo expressa uma situação como um todo, ou seja, ela é tratada como um objeto único, sem parcializá-la ou dividi-la em fases internas distintas. Por outro lado, com o imperfeito, o fato é expresso em sua constituição temporal interna. Essa temporalidade interna, como afirma Costa (1990), pode ser expressa a partir de um fragmento de tempo (cursividade) ou pela seleção de fases dessa temporalidade (fase inicial, intermediária ou final) ou, ainda, por meio de estados resultativos, que confirmam relevância linguística à constituição interna do processo que os antecedeu.

A diferença fundamental entre Tempo e Aspecto consiste no fato de o primeiro considerar somente o tempo externo da situação e o segundo considerar o que está relacionado com a ideia de tempo interno da ação. Para Comrie (1976, p. 3): “Aspecto são diferentes formas de ver a constituição interna de uma situação”.<sup>7</sup> É uma categoria semântica que depende tanto da dinâmica interna do verbo como da escolha do falante que utiliza um ponto de vista (interno ou externo) para focalizar uma determinada ação. Portanto, cabe ao Aspecto a perspectiva temporal da situação e ao Tempo a sua localização temporal. Há duas perspectivas para o falante focar uma ação: a) Perfectiva: visão externa e concluída do processo, na qual se destaca o resultado da ação expressa pelo verbo; b) Imperfectiva: visão interna do desenvolvimento de uma ação, na qual se destaca alguma parte da sequência temporal em curso.

Smith (1997), por sua vez, analisa a categoria Aspecto a partir de critérios semânticos, sintáticos e pragmáticos. Segundo a autora, é difícil caracterizar uma dada situação como puramente perfectiva ou imperfectiva, pois

<sup>7</sup> No original: “Aspects are different ways of viewing the internal constituency of a situation”.

sempre haverá traços de significado dados pela interação dos pontos de vista do falante. Nesse sentido, propõe três manifestações de Aspecto (p. 03): a) Perfectivo: focaliza a totalidade da ação, inclui os pontos de início e de conclusão; b) Imperfectivo: focaliza parte da situação, não delimita o início e a finalização; c) Neutro: inclui algum ponto inicial ou final e pelo menos uma parte do estado interno da situação. É uma visão flexível, que pode estar presente em diferentes partes do processo de interação verbal.

Comrie (1981) pontua que é um equívoco considerar que construções perfectivas sempre apresentam ações pontuais e acabadas. Paralelamente, não se pode caracterizar todas as formas durativas como imperfectivas. Embora a duratividade de um evento esteja atrelada, geralmente, às formas imperfectivas, não há garantia de que isso ocorra em todos os contextos, por isso essa propriedade não serve para caracterizar de forma concreta o Aspecto Imperfectivo. Além disso, segundo Freitag (2007), essa associação entre imperfectividade e ação inacabada e perfectividade e ação acabada nem sempre se sustenta porque há contextos que permitem as duas leituras (perfectiva e imperfectiva). Pode-se, por exemplo, conforme García Fernández (1998), utilizar o pretérito imperfeito com verbos de culminação, quando o falante deseja expressar uma ação iminente que foi frustrada. Vejamos:

(1) Eu **abria** a porta, quando o telefone tocou.<sup>8</sup>

Comrie (1990), Dahl (1985) e Castilho (1967) utilizam o critério de totalidade (aspecto perfectivo) *versus* distinção em fases (aspecto imperfectivo) para estabelecer essa diferenciação. No entanto, verificar a estrutura interna de uma situação ou a divisão em fases resulta muito complexo, especificamente em relação à delimitação temporal, porque há contextos nos quais não há informação sobre a finalização ou não da ação, ou ainda, contextos que permitem leituras perfectiva e imperfectiva.

O uso do pretérito imperfeito em textos narrativos com valor aspectual perfectivo, situação em que há uma neutralização aspectual, pode ser um problema para a teoria aspectual. Bertinetto (1986, p. 392 apud GARCÍA FERNÁNDEZ, 2004, p. 73-74), ao tratar do pretérito imperfeito italiano, nos mesmos contextos em que aparece em espanhol, afirma que:

<sup>8</sup> Exemplo por nós elaborado para ilustrar a observação de García Fernández (1998).

[...] Se é verdade que o imperfeito narrativo, especialmente nas formas mais divulgadas da imprensa, sente-se atualmente como uma mera variante (estilisticamente conotada) dos tempos perfectivos, logo não era assim em sua origem. Ademais, é significativo que ao princípio, na novela decimonônica, o imperfeito narrativo tendesse a aparecer exatamente nos mesmos lugares nos quais, normalmente, se costumava utilizar o imperfeito descritivo, ou seja, em frases iniciais, finais ou de transição de uma narração, habitualmente destinadas a delinear o fundo ambiental. A única diferença estava no fato de que o novo imperfeito se inseria diretamente no fio da narração (daqui surge precisamente a denominação de “narrativo”), em vez de criar pausas puramente descritivas.<sup>9</sup>

Conforme García Fernández (2004), a existência de formas imperfectivas com valor perfectivo não se constitui argumento para se questionar a natureza aspectual dessas formas. O uso de formas imperfectivas com tal valor constitui-se a partir da neutralização do valor aspectual imperfectivo, para dar um efeito de lentificação da ação ou, ainda, de suspense na narrativa. O autor atribui esse valor narrativo de cunho puramente estilístico aos contextos nos quais formas imperfectivas apresentam valor de Aspecto perfectivo.

## Planos da narrativa: Figura e Fundo

Nossa análise envolverá o tratamento dos planos figura e fundo na narrativa, razão pela qual consideramos a proposta de Hopper e Thompson (1980). De acordo com esses autores, há correlação entre o relevo discursivo e o grau de transitividade de uma sentença, já que, na organização do pensamento humano e na comunicação, é inevitável a hierarquização de informações, no sentido de estabelecer graus de centralidade/perifericidade, ou seja, numa situação comunicativa, os usuários da língua procuram estabelecer quais informações são essenciais (figura) e/ou acessórias (fundo).

Os conceitos de figura e fundo vêm da *Gestalt*, na Psicologia. De acordo com essa teoria, de fundamento cognitivo, o processo de formação de

<sup>9</sup> [...] Si es verdad que el imperfecto “narrativo”, especialmente en las formas más divulgadas de la prensa, se siente actualmente como una mera variante (estilísticamente connotada) de los tiempos perfectivos, no era desde luego así en su origen. Además, es significativo que al principio, en la novela decimonónica, el imperfecto “narrativo” tendiese a aparecer exactamente en los mismos lugares en los que, normalmente, se solía utilizar el imperfecto descriptivo; es decir, en las fases iniciales, finales o de transición de una narración, habitualmente destinadas a delinear el fondo ambiental. La única diferencia estaba en el hecho de que el nuevo imperfecto se insertaba directamente en el hilo de la narración (de aquí surge precisamente la denominación “narrativo”), en vez de crear pausas de naturaleza puramente descriptiva.

figura-fundo é dinâmico. No processo de formação, a figura depende do fundo sobre o qual aparece e o fundo serve como uma estrutura ou moldura em que a figura está enquadrada ou suspensa, e, por conseguinte, a determina. Hopper e Thompson (1980), a partir desse pressuposto, diferenciam figura e fundo, com base no contexto de interação verbal, considerando que o falante codifica o que percebe como essencial (figura) e o que considera como acessório (fundo).

No tocante ao Aspecto verbal, para Hopper e Thompson (1980), o Aspecto perfectivo apresenta alta transitividade, por outro lado, o Aspecto imperfectivo aponta para baixa transitividade, pois, numa narrativa há, por exemplo, o uso de formas verbais do imperfeito como fundo (detalhes, descrições) e de formas do perfeito na ordenação dos fatos da narrativa, indicando progressão. Como afirma Silva (2007, p. 94):

Na literatura a respeito dos planos discursivos, observamos que os autores, comumente, atribuem o sequenciamento cronológico de um enunciado às formas perfectivas, as quais são ordenadas cronologicamente no discurso e denotam eventos discretos e dinâmicos. Para alguns, as formas imperfectivas não mostram a preocupação do falante com a sequência dos fatos narrados, mas trazem apenas informações adicionais e circunstanciais que se constituem como suporte para os fatos narrados.

No discurso, segundo Givón (1984), alguns elementos da descrição são considerados a essência, o esqueleto, a linha principal do episódio/descrição/comunicação, constituindo a figura do discurso. Por outro lado, há elementos que são satélites, ficam na margem, são os apoios do episódio/descrição/comunicação, sendo, portanto, o fundo do discurso. Assim, em uma situação de interação, há informações que ficam na centralidade do discurso (figura) e outras na periferia (fundo). Dessa forma, é a partir da percepção das necessidades do ouvinte que os usuários da língua constroem as sentenças (PEZATTI, 2004). Segundo Givón (1990), a figura corresponde à essência da história e o fundo, às lacunas e digressões.

Para Hopper (1979), a figura<sup>10</sup> (em inglês, *foreground*) prototípica apresenta as seguintes características: sequência cronológica; eventos reais, dinâmicos e completos; sujeitos previsíveis (tópicos), humanos e agentivos;

<sup>10</sup> A partir da relação entre transitividade e organização discursiva figura/fundo, Lima (2009) propõe graus de figuratividade (0 a 4) para analisar o relevo discursivo das orações de não-atribuição de causalidade na Crônica Geral de Espanha de 1344. A pesquisadora analisou quatro contextos: a oração em relação ao período, o período em relação ao parágrafo, o parágrafo em relação ao capítulo e o

codificação morfossintática através de orações coordenadas, principais ou absolutas; formas verbais perfectivas. O fundo (*background*), por sua vez, caracteriza-se por: eventos simultâneos; eventos não necessariamente completos e reais; situações estáticas, descritivas; situações necessárias para compreensão de atitudes (subjatividade); frequentes trocas de sujeito; estrutura sintática subordinada (mas o fundo também pode ser codificado por orações coordenadas, absolutas ou principais); formas verbais não-perfectivas.

Silveira (1997), ao estudar figura e fundo em narrativas, verifica que os planos não são categorias discretas, mas há uma gradação no que tange à figuricidade – que vai da figura até diferentes tipos de fundo. A autora propõe seis categorias que formam esse gradiente:

*Categoria I:* é a figura prototípica.

*Categoria II:* cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura. Apresentam ou resumem o que vai ser relatado, o cenário, os participantes e a fala dos personagens.

*Categoria III:* cláusulas-fundo que especificam o modo, a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais).

*Categoria IV:* cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas).

*Categoria V:* cláusulas-fundo que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas).

*Categoria VI:* cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor. Apresentam opiniões, dúvidas, conclusões.

Chedier (2007) simplifica a proposta de Silveira (1997) e faz o agrupamento das seis categorias em apenas três. Ela mantém a categoria I e reorganiza as categorias II e III em uma categoria que denomina de Fundo I, por estarem mais próximas das características de figura. Ademais, reagrupa as categorias IV, V e VI e as considera como Fundo 2, pois, segundo a autora, elas estão mais distantes das características de figura. Dessa forma, temos a seguinte divisão para analisar a gradualidade que vai de figura até fundo, segundo Chedier (2007, p. 49-50):

*Figura:* apresenta sequência cronológica, eventos reais, dinâmicos e completos, sujeitos previsíveis (tópicos), humanos e agentivos. Quanto à co-

---

capítulo em relação ao texto. Ela classificou cada construção quanto ao grau de figuratividade que variou de 0 a 4 e de não figura a figura nos quatro contextos.



dificação morfossintática, a figura contém orações coordenadas, principais ou absolutas, e formas verbais perfectivas.

*Fundo 1:* apresenta cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura; apresenta ou resume o que vai ser relatado; apresenta o cenário, os participantes e a fala dos personagens. Há, também, cláusulas-fundo que especificam o modo, a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais).

*Fundo 2:* contém cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas), que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas). Pode conter também cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor, opiniões, dúvidas e conclusões.

Em nossa pesquisa, com o objetivo de verificar, nos textos do nosso *corpus*, em quais contextos as formas imperfectivas atuam como fato central (figura) e como informação periférica (fundo), utilizamos a proposta de Chedier (2007).

## Procedimentos metodológicos

Nossos dados provêm de vinte e quatro contos escritos por autores de língua espanhola, selecionados a partir do parâmetro extralinguístico ‘comarca cultural’. A opção por se trabalhar com um *corpus* de contos justifica-se pelo fato de o texto literário nos oferecer um vasto repertório de variantes diaatópicas, diastráticas e diafásicas, e pela dificuldade em trabalhar com *corpora* de dados orais que dessem conta da diversidade linguística de todos os países hispânicos. De acordo com Silva (2009), mesmo que, na atualidade, haja uma gama de bancos de dados orais da língua espanhola, há diversidade no que diz respeito à metodologia para a coleta dos dados, ao estilo e às datas. Saliência-se, ainda, a escolha da narrativa como *sequência textual* por julgarmos apresentar, em maior frequência, as formas aspectuais imperfectivas sob análise (pretérito imperfeito e perífrases imperfectivas), diferentemente do que ocorre com a descrição, a dissertação e a injunção. Também, certas funções das formas imperfectivas de passado não parecem ser frequentes em *corpus* de língua oral. Por exemplo, seria difícil explicar de forma satisfatória, conforme Gutiérrez Araus (1997), o emprego do imperfeito narrativo, pois esse uso, geralmente, não aparece no espanhol falado. Partindo do pressuposto de

que a língua é dinâmica e heterogênea, deparamo-nos com a impossibilidade de analisá-la em sua totalidade. Nesse sentido, não temos a pretensão de afirmar que o *corpus* selecionado para esta pesquisa evidencia o uso da língua espanhola nos diversos contextos de interação verbal. Selecionamos o *corpus* com o objetivo de analisar a expressão do passado imperfeito e apresentar tendências, sem apontarmos generalizações de uso das formas analisadas para outros contextos. Para cada comarca, selecionamos quatro narrativas. O volume textual de cada conto selecionado é de, aproximadamente, 8 a 10 páginas, perfazendo um *corpus* que tem, em média, de 30 a 40 páginas por comarca cultural. Vejamos, então, o *corpus* selecionado:

a) Caribe:

PIÑERA, Virgilio. El que vino a salvarme. In: \_\_\_\_\_. **El que vino a salvarme**. Madrid: Cátedra, 2008.

\_\_\_\_\_. Unos cuantos niños. In: \_\_\_\_\_. **El que vino a salvarme**. Madrid: Cátedra, 2008.

\_\_\_\_\_. Unas cuantas cervezas. In: \_\_\_\_\_. **El que vino a salvarme**. Madrid: Cátedra, 2008.

\_\_\_\_\_. El enemigo. In: \_\_\_\_\_. **El que vino a salvarme**. Madrid: Cátedra, 2008.

b) México e América Central:

RULFO, Juan. El llano en llamas. In: \_\_\_\_\_. **El llano en llamas**. Madrid: Editorial Planeta, 2007.

\_\_\_\_\_. Acuérdate. In: \_\_\_\_\_. **El llano en llamas**. Madrid: Editorial Planeta, 2007.

\_\_\_\_\_. La noche que lo dejaron solo. In: \_\_\_\_\_. **El llano en llamas**. Madrid: Editorial Planeta, 2007.

\_\_\_\_\_. Diles que no me maten. In: \_\_\_\_\_. **El llano en llamas**. Madrid: Editorial Planeta, 2007.

c) Andes:

MÁRQUEZ, Gabriel García. La santa. In: \_\_\_\_\_. **Doce cuentos peregrinos**. 17. ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2010.

\_\_\_\_\_. Me alquilo para soñar. In: \_\_\_\_\_. **Doce cuentos peregrinos**. 17. ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2010.

\_\_\_\_\_. Sólo viene a hablar por teléfono. In: \_\_\_\_\_. **Doce cuentos peregrinos**. 17. ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2010.

\_\_\_\_\_. El verano feliz de la señora Forbes. In: \_\_\_\_\_. **Doce cuentos peregrinos**. 17. ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2010.

d) Rio da Prata:

CORTÁZAR, Julio. Las armas secretas. In: \_\_\_\_\_. **Cuentos completos 1. 2.** ed. Buenos Aires: Punto de lectura, 2008.

\_\_\_\_\_. El móvil. In: \_\_\_\_\_. **Cuentos completos 1. 2.** ed. Buenos Aires: Punto de lectura, 2008.

\_\_\_\_\_. Las puertas del cielo. In: \_\_\_\_\_. **Cuentos completos 1. 2.** ed. Buenos Aires: Punto de lectura, 2008.

\_\_\_\_\_. Bruja. In: \_\_\_\_\_. **Cuentos completos 1. 2.** ed. Buenos Aires: Punto de lectura, 2008.

e) Chile:

BOLAÑO, Roberto. Llamadas telefónicas. In: \_\_\_\_\_. **Llamadas telefónicas**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1997.

\_\_\_\_\_. La nieve. In: \_\_\_\_\_. **Llamadas telefónicas**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1997.

\_\_\_\_\_. Una aventura literaria. In: \_\_\_\_\_. **Llamadas telefónicas**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1997.

\_\_\_\_\_. Clara. In: \_\_\_\_\_. **Llamadas telefónicas**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1997.

f) Espanha:<sup>11</sup>

CELA, Camilo José. Noventa minutos de rebotica. In: PADILLA, Jose Montero. **Cuentos Madrileños**. Madrid: Editorial Castalia. S.A., 2002.

\_\_\_\_\_. Marcelo Brito. In: PÉREZ, Óscar Barrero. **El cuento español 1940-1980**. Madrid: Editorial Castalia. S.A., 1989.

\_\_\_\_\_. La eterna canción. In: CORRALES, J. **Cuentos para leer después del baño**. Barcelona: Ediciones Juan Granica S.A., 1987.

\_\_\_\_\_. Claudius, profesor de idiomas. In: CORRALES, J. **Cuentos para leer después del baño**. Barcelona: Ediciones Juan Granica. S.A., 1987.

<sup>11</sup> Devido à dificuldade, no que diz respeito à disponibilidade, tivemos de selecionar os contos em três livros diferentes.

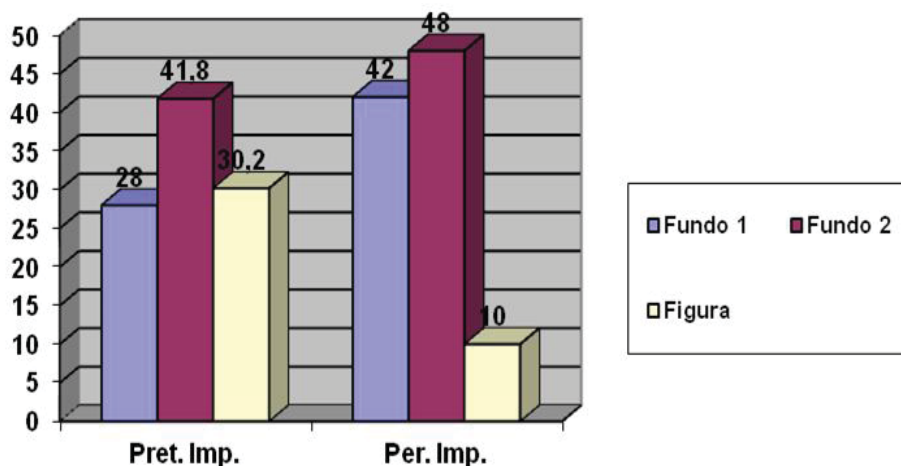
## Relevo discursivo: atuação das formas imperfectivas

Nesta seção, analisamos a relação entre os planos figura e fundo presentes nos contos literários e as formas do pretérito imperfeito e das perífrases imperfectivas de passado. A análise de figura e fundo tenta dar conta de uma questão pragmático-discursiva elementar: em uma dada situação comunicativa, sempre há informações mais relevantes que outras. Se isso ocorre, como se dá a codificação, mais especificamente, como as formas, nas quais estamos interessados (imperfeito e perífrases imperfectivas), aparecem na distribuição informativa no texto narrativo? Vejamos o exemplo a seguir:

- (2) Luego **volvíamos** la cara para poder ver otra vez hacia arriba y miramos las ramas bajas de los amoles que nos **daban** tantita sombra... /Logo **voltávamos** o rosto para cima para poder ver outra vez e vimos os ramos baixos dos amoles que nos **davam** um pouco de sombra.... (*El llano en llamas* – Juan Rulfo)

Em (2), a forma verbal imperfectiva (voltávamos) indica a progressão da narrativa, logo, atua como figura. Em contrapartida, a forma imperfectiva (davam) aporta para a localização do cenário do fato narrado, portanto, configura-se como *fundo* da narrativa. No entanto, em muitos casos, é difícil delimitar com precisão o que é figura e o que é fundo na narrativa, pois não se trata de categorias discretas. Em nossa pesquisa, com o objetivo de verificar em quais contextos as formas imperfectivas atuam como fato central (figura) ou como informação periférica (fundo), utilizamos a proposta de Chedier (2007), explicitada anteriormente na seção “Planos da narrativa: Figura e Fundo”. Vejamos, no gráfico a seguir, como se deu, nas narrativas que compõem o *corpus* de nossa pesquisa, a distribuição das formas verbais do pretérito imperfeito e das perífrases imperfectivas de passado.

**Gráfico 1: Ocorrência de formas imperfectivas no Plano Textual-Discursivo: Figura/Fundo**



Os resultados apresentados no gráfico acima confirmam que as formas imperfectivas também podem atuar como figura, já que 30,2% das formas de pretérito imperfeito e 10% das perífrases imperfectivas de passado desempenham um papel significativo na progressão dos eventos e nas ações desenvolvidas, nos diversos contos analisados. É o que se verifica no exemplo abaixo, em que a forma imperfectiva “iam” contribui para a progressão cronológica dos eventos da narrativa. Portanto, atua como *figura* no plano narrativo. Nesse sentido, é oportuno discutir a teoria proposta por Hopper e Thompson (1980) para os planos discursivos na narrativa. Segundo os autores, as formas do pretérito perfeito simples e composto (Aspecto perfectivo) têm um papel significativo na progressão dos eventos e nas ações desenvolvidas. Por outro lado, as formas imperfectivas (Aspecto imperfectivo), segundo eles, são utilizadas para descrever, comentar e apontar detalhes, ou seja, para fornecer elementos que dão sustentação à narrativa, atuando somente como fundo.

- (3) Allí **iban** los tres, con la mirada en el suelo, tratando de aprovechar la poca claridad de la noche/ Ali **iam** os três, com o olhar no chão, tratando de aproveitar a pouca claridade da noite. (*La noche que lo dejaron solo* – Juan Rulfo)

No que tange aos percentuais das formas classificadas como fundo 1 (conforme as formas em negrito no exemplo 4 abaixo), verificamos menor ocorrência com dados do pretérito imperfeito: 505 formas, ou seja, 28,% do total das 1803 formas de pretérito imperfeito encontradas nas narrativas analisadas. Por outro lado, foram 122 ocorrências de perífrases imperfectivas de passado, 42% do total de 290 formas de perífrases que compõem o *corpus* analisado. Verificamos, também, menor ocorrência de formas classificadas como fundo 2 com dados do pretérito imperfeito (conforme as formas em negrito no exemplo 5 abaixo): 754 formas, ou seja, 41,8% do total das 1803 formas de pretérito imperfeito. Por outro lado, há 139 ocorrências de perífrases imperfectivas de passado, 48% do total de formas perifrásticas.

- (4) Ayer **llovía**, hoy hubo sol, ayer **estaba** triste, hoy va a venir Michele./ Ontem **chovia**, hoje fez sol, ontem **estava** triste, hoje virá Michele. (*Las armas secretas* – Julio Cortázar)
- (5) ...comprendí que **necesitaba** mi amistad, la amistad de cualquiera. Pero yo no **estaba** en condiciones de brindarle ese consuelo. /... comprendi que **necesitava** de minha amizade, da amizade de qualquer um. Mas eu não **estava** em condições de brindar-lhe com esse consolo. (*Clara* – Roberto Bolaño)

Nossos dados mostram que as formas imperfectivas podem atuar na progressão da narrativa. O narrador pode fazer uso de uma forma imperfectiva, por exemplo, para dar um efeito de lentificação da ação ou, ainda, de suspense na narrativa. Vejamos um exemplo:

- (6) Ahora **esgrimía** una navaja e **iba inclinando** lentamente el cuerpo mientras me **miraba** fijamente. / Agora **esgrimia** uma navalha e **ia inclinando** lentamente o corpo enquanto me **olhava** fixamente. (*El que vino a salvarme* – Virgilio Piñera)

Segundo a RAE (2009), em sua última publicação “Nueva gramática de la lengua española”, o pretérito imperfeito narrativo también é chamado de “ruptura”, por apresentar uma ação como desfecho de outras que são introduzidas na continuação da narração. García Fernández (2004) pontua que,

nesses contextos, há uma neutralização do valor aspectual imperfectivo pautada em objetivo de cunho estritamente estilístico, no entanto, encontramos formas atuando na progressão da narrativa sem conferir um valor que fosse necessariamente estilístico, mas atuando no desenvolvimento do relato. Nesse sentido, podemos sugerir que as formas imperfectivas de passado assumiram novas funções no decorrer do tempo, ou seja, sofreram gramaticalização. Bybee (2003) aponta a seguinte característica para as formas que sofreram gramaticalização: generalização e abstratização semântica; logo, há aumento dos contextos de uso. Por exemplo, as formas imperfectivas de passado, além de serem usadas como pano de fundo da narrativa (conforme Hopper [1979] e Hopper e Thompson [1980]), passam a atuar, também, na progressão da narrativa. Veja-se a esse respeito, de acordo com Bertinetto (1986), o uso do imperfeito narrativo na novela decimonônica.

Se retomarmos as considerações de pesquisadores e gramáticos que estudaram com afinco a relação entre os tempos do passado e a organização discursiva ao longo dos séculos, teremos um panorama da evolução dos usos linguísticos das formas imperfectivas de passado em espanhol. Uma das primeiras alusões a esse tópico é formulada por Bello (1847) que, ao apontar os usos do co-pretérito (pretérito imperfeito), o situa com os adjuntos adverbiais e com outros elementos circunstanciais dos fatos, para decorar o drama, ou seja, para caracterizar os personagens e o cenário da narrativa. Weinrich (1973), na proposta sobre os tempos do mundo narrado, coloca o pretérito imperfeito no fundo da narrativa e o pretérito perfeito na figura. Outros estudiosos, como Alcina e Blecua (1975), Matte Bon (2003) e Cano (2005), corroboram essa tese e afirmam que o pretérito perfeito é usado pelos falantes para sequenciar os fatos. Por outro lado, o imperfeito é utilizado para descrever a cena. Nossos dados ratificam as considerações de García Fernández (2004), Bertinetto (1986) e Gutiérrez Araus (1997), ou seja, houve especialização das formas imperfectivas, as quais passaram a ter seus contextos de uso ampliados, o que, por sua vez, ocasionou aumento na frequência de uso dessas formas na narração, pois além da descrição de personagens e do cenário, as formas imperfectivas passaram a atuar, também, para a progressão da narrativa. Por conta disso, as formas imperfectivas assumiram novas funções (lentificação da ação, frustração de uma ação iminente, habitual, etc.). De acordo com Gutiérrez Araus (1997), na linguagem literária, utilizam-se as formas imperfectivas na progressão das ações da narrativa, quando se quer

ênfatizar uma determinada ação. Nesse sentido, o autor rompe a norma, com o objetivo de captar a atenção do leitor, e emprega uma forma imperfectiva no lugar de uma perfectiva.

Pontes (2009), em sua pesquisa com narrativas produzidas por estudantes universitários brasileiros aprendizes de espanhol, também destaca que formas imperfectivas podem indicar progressão na narrativa e que formas perfectivas podem figurar em circunstâncias secundárias, portanto, como pano de fundo. Vejamos um exemplo de nosso *corpus*:

- (7) Los amigos encuentran, casi sin sorpresa, a Esteban. Esteban **cerraba** la puerta, lo ven por primera vez.../ Os amigos encontram, quase sem surpresa, Esteban. Esteban **fechava** a porta, o vêem pela primeira vez... (*Bruja* – Julio Cortázar)

Nesse exemplo, a forma no pretérito imperfeito denota uma ação pontual inerente, ou seja, Esteban fechava a porta naquele dado momento, não houve nenhuma fase de transição ou duração. Por outro lado, essa ação apresenta-se como inacabada e contribui para a progressão da trama. Além disso, constitui um recurso utilizado na narrativa para conferir uma atmosfera de suspense. Podemos deduzir, então, que, como já foi discutido, as formas imperfectivas podem atuar como figura.

## Correlação entre relevo discursivo e funções codificadas pelo pretérito imperfeito

O mapeamento funcional das formas sob análise foi feito com base em estudos que tratam dos valores e dos usos das formas imperfectivas de passado em espanhol: Garcés (1997), Gutiérrez Araus (1997), Brucat (2001), García Fernández (2004) e Ruiz Campillo (2005). Nossos dados evidenciam funções nas quais o pretérito imperfeito está em competição com a forma perifrástica (funções que apresentam variação): descritiva, narrativa, habitual e desiderativa; e outras funções codificadas somente pelo pretérito imperfeito: iterativa, presente, futuro, simultaneidade, cortesia, lúdica e contrariedade. Iniciamos a exposição por essas funções e apresentamos os resultados na Tabela 01.



**Tabela 1 – Correlação entre relevo discursivo e funções codificadas pelo pretérito imperfeito.**

Funções imperfectivas	Fundo 1	Fundo 2
	Aplicação/Total/%	Aplicação/Total/%
<b>Iterativa</b>	02/32/6,2%	30/32/93,8%
<b>Presente</b>	10/64/15,6%	54/64/84,4%
<b>Futuro</b>	---	32/32/100%
<b>Simultaneidade</b>	31/65/47,6%	34/65/52,4%
<b>Cortesia</b>	06/06/100%	---
<b>Lúdica</b>	103/188/54,7%	85/188/45,3%
<b>Contrariedade</b>	---	32/32/100%

Em nenhuma das funções sob análise, há dados no plano discursivo figura. Também não há dados em fundo 1 para as funções futuro e contrariedade. Por outro lado, há porcentagens expressivas para a função lúdica (54,7%) e para a cortesia (100%). O fundo 1 constitui o contexto mais favorável para a função lúdica (conforme exemplo 8), pois, nesse plano discursivo, há a apresentação do cenário, dos personagens, resumo do que vai ser relatado e fala dos personagens. Segundo Gutiérrez Araus (1997), a potencialidade desrealizadora do imperfeito o converte em uma forma idônea para marcar o mundo da fantasia e dos sonhos, ou seja, o falante faz referência a situações que correspondem a uma fantasia, ficção ou figuração, e justamente o fundo 1 é o ambiente mais apropriado para a configuração desse mundo da fantasia. Já a função de cortesia (conforme exemplo 9) se presentifica, principalmente, na fala dos personagens.

- (8) **Era** divertido, **tomaba** una revista, en busca de algo que le complaciera, **elegía** el lugar preciso y **creaba** cosa por cosa esas predilectas imágenes. / **Era** divertido, **pegava** uma revista, em busca de algo que gostasse, **escolhia** o lugar preciso e **criava** coisa por coisa essas imagens prediletas. (*Bruja* – Julio Cortázar).
- (9) No, muchas gracias; yo **quería** un inglés./ Não, obrigado; **queria** um inglês. (*Noventa minutos de rebotica* – Camilo José Cela)

Em contrapartida, o fundo 2 pode ser considerado como o plano discursivo mais favorável para o uso das funções enfocadas, já que reúne orações que especificam um referente ou processo, ou que expressam inferências, ou, ainda, apontam causa, consequência ou adversidade, ou seja, é um contexto mais complexo e subjetivo que abarca uma gama maior de possibilidades de usos imperfectivos. Por conta disso, apresenta as porcentagens mais expressivas para as funções futuro (100%), contrariedade (100%), iterativa (93,8%) e presente (84,4%). Já para a simultaneidade (52,4%), podemos sugerir que o uso se deve ao fato de podermos encontrar cláusulas-fundo que especificam o tempo e que podem ser utilizadas, acopladas a formas imperfectivas, também, para pontuar a coincidência temporal entre duas ações passadas. A título de ilustração, apresentamos um exemplo para cada função.

- (10) A veces me **mandaba** a ver a un jugador./ Às vezes me **mandava** ver um jogador (*La nieve*– Roberto Bolaño). *Função iterativa*
- (11) Dijo que las flores lo **explicaban** todo. / Disse que as flores **explicavam** tudo. (*La nieve* – Roberto Bolaño). *Função de futuro*
- (12) Ahora, el hecho de que nadie le contestara **umentaba** su martirio. / Agora, o fato de que ninguém lhe respondia **umentava** seu martírio. (*Sólo vine a hablar por teléfono* – Gabriel García Márquez). *Função de presente*
- (13) En una ocasión hablé con su hijo. En otra con Paco. Ambos se **veían** bien, se les **oía** bien, menos nerviosos que yo al menos./ Em uma ocasião falei com o seu filho. Em outra com Paco. **Via**-se e se **ouvía** a ambos bem, menos nerviosos que eu, pelo menos. (*Clara* – Roberto Bolaño). *Função de simultaneidade*
- (14) Los esquemas del crimen se sucedían vertiginosamente. También se habló de honorarios. ¡ No **faltaba** más! Asesinos espléndidamente pagados. / Os esquemas do crime aconteciam vertiginosamente. Também se falou dos honorários. Não **faltava** mais! Assassinos esplendidamente pagos. (*Unas cuantas cervezas* – Virgilio Piñera). *Função de contrariedade*

No exemplo 10, temos uma leitura iterativa, já que a forma imperfectiva e o marcador temporal não denotam um costume ou, ainda, uma prática

corriqueira, mas descrevem uma ação que se repetiu mais de uma vez. Já no exemplo 11, utiliza-se o imperfeito no discurso indireto para pontuar um valor de futuro em relação ao passado. Consiste em uma leitura hipotética, por parte do falante, em relação a um fato passado. Por isso, há o uso do imperfeito no lugar do condicional simples (explicaria); conforme Garcés (1997), essa utilização é muito frequente no discurso indireto. No exemplo 12, o narrador faz uma suposição acerca do personagem, por isso, utiliza a forma imperfectiva “aumentava” para indicar que seu conhecimento sobre o que afirma não é tão seguro. Para Garcés (1997), o falante costuma utilizar o imperfeito com valor de presente quando quer evidenciar que não tem segurança sobre o que afirma ou, ainda, quando procura se preservar com relação à veracidade dos fatos que afirma. No exemplo 13, o narrador destaca duas ações passadas que ocorrem simultaneamente e que denotam um caráter contínuo. No exemplo 14, o narrador relata a sua indignação diante da situação de favorecimento dos criminosos. Para expressar a sua contrariedade (sentimento de frustração), utiliza a forma imperfectiva “faltava” em uma oração cuja entonação é exclamativa. Ademais, temos acoplado à forma imperfectiva o advérbio de intensidade “mais” para reforçar o seu sentimento de insatisfação diante do fato narrado.

## **Correlação entre relevo discursivo e funções codificadas variavelmente pelo pretérito imperfeito e por perífrases imperfectivas**

Considerando-se que as perífrases imperfectivas de passado e o pretérito imperfeito do indicativo, com base no conceito de regra variável proposto por Labov (1978),<sup>12</sup> estão em variação, decidimos analisar a competição entre essas formas no *corpus* selecionado para esta pesquisa. Nesse sentido, além de explicitar a regra variável, objetivamos analisar o relevo discursivo como motivação para a ocorrência de uma ou outra forma. Para alcançarmos tal intento, recorreremos à análise estatística e utilizamos o programa GOLDVARB (SANKOFF, 2005), do pacote computacional denominado VARBRUL. Por meio desse aparato da estatística, obtivemos os cálculos de frequência das

<sup>12</sup> De acordo com Labov (1978), duas ou mais formas que, necessariamente, têm o mesmo valor de verdade no mesmo contexto, ou seja, portam o mesmo significado referencial, constituem uma regra variável.

formas sob análise e os pesos relativos dos fatores elencados como possíveis condicionamentos para o imperfectivo e para as perífrases. Nas rodadas estatísticas, consideramos o pretérito imperfectivo do indicativo como aplicação da regra para as funções descritiva e narrativa, ou seja, como a forma esperada para a codificação da função analisada, e a perífrase imperfectiva para as funções habitual e desiderativa, pois, nas duas primeiras funções, as formas de pretérito imperfectivo foram mais recorrentes, e, assim como nas duas últimas, obtivemos mais a forma perifrástica.

A função descritiva, geralmente, está associada ao fundo da narrativa, ou seja, as formas imperfectivas são utilizadas para descrever, comentar e apontar detalhes. Por meio dessa função, o narrador dá sustentação à narrativa, utilizando as formas imperfectivas nesse contexto como fundo para os acontecimentos que serão narrados. Nessa função, obtivemos 676 formas de pretérito imperfectivo e 32 formas de perífrases imperfectivas de passado. Vejamos dois exemplos que ilustram a variação entre as formas imperfectivas de passado na codificação da função descritiva e, na sequência, na Tabela 2, os resultados atrelados ao relevo discursivo.

- (15) Entonces entró en su casa, que **era** verdaderamente hermosa./ Então, entrou em sua casa, que **era** verdadeiramente bonita. (*Bruja* – Julio Cortázar)
- (16) ... se llamaba Esteban, jamás **quería salir** de la casa./ ... se chamava Esteban, jamais **queria sair** da casa. (*Bruja* – Julio Cortázar)

**Tabela 2 – Atuação do relevo discursivo no uso do pret. imperfectivo versus a perífrase imperfectiva na codificação da função descritiva**

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
<b>Fundo 1</b>	645/670	96,3	0.444
<b>Fundo 2</b>	31/38	81,6	0.981

O fundo 2 se associa ao pretérito imperfectivo do indicativo com um peso bem significativo (0.981). O fundo 1, por sua vez, apresentou-se pouco significativo para a ocorrência de formas do pretérito imperfectivo, com peso (0.444). Na função descritiva, não encontramos dados associados à figura,

talvez pelo fato de as descrições, conforme Hopper e Thompson (1980), representarem mais frequentemente o fundo do texto narrativo.

O princípio de marcação<sup>13</sup> atua na correlação entre as formas imperfectivas de passado e o relevo discursivo. O fundo 2 apresenta cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo, os quais expressam inferências apontando causa, consequência ou adversidade. Logo, é mais complexo estruturalmente e cognitivamente, pois demanda maior esforço de processamento do que o fundo 1, que está mais próximo da figura e apenas apresenta ou resume o que vai ser relatado; o cenário, os participantes e a fala dos personagens. Nesse sentido, há relação entre a forma menos marcada e a situação mais marcada: o pretérito imperfeito do indicativo (forma menos marcada do que as perífrases) com o fundo 2 (contexto marcado).

Para a função narrativa, conforme demonstrado nos exemplos a seguir, encontramos 644 formas de pretérito imperfeito e 27 formas de perífrases imperfectivas de passado.

- (17) Allí **iban** los tres, con la mirada en el suelo, tratando de aprovechar la poca claridad de la noche/ Ali **iam** os três, com o olhar no chão, tratando de aproveitar a pouca claridade da noite. (*La noche que lo dejaron solo* – Juan Rulfo)
- (18) ... **proseguía viviendo**, pero al mismo tiempo **empezaba a morirme**. / ... **prosseguia vivendo**, mas ao mesmo tempo eu **começava a morrer**. (*El que vino a salvarme* – Virgilio Piñera)

No exemplo 17, o narrador utiliza a forma imperfectiva para conferir um caráter de lentificação ao ritmo da viagem, já que é realizada no período noturno. Já no exemplo 18, há o relato do início do processo de mortificação do protagonista, caso em que o uso de formas imperfectivas contribui para a configuração de uma atmosfera de suspense na trama narrada.

Os pesos relativos, na tabela 03 a seguir, evidenciam alto favorecimento por parte do plano discursivo figura para a ocorrência de formas do

<sup>13</sup> Givón (1990, p. 947) apresenta três critérios para se avaliar a marcação: (i) complexidade estrutural – a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a não-marcada; (ii) distribuição de frequência – a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não-marcada; (iii) complexidade cognitiva – a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento do que a não-marcada.

pretérito imperfeito do indicativo, com peso relativo 0.868. Por outro lado, no fundo 1, há forte restrição para o uso dessa forma, com peso relativo 0.003. Considerando-se que na expressão do passado imperfectivo em espanhol há uma forma estruturalmente mais marcada (perífrase) do que a outra (pretérito imperfeito do indicativo) e, também, o princípio de expressividade retórica proposto por Dubois e Votre (1994) – um procedimento discursivo marcado tende a reduzir ou eliminar o esforço de codificação, – formas marcadas podem ocorrer em contextos menos marcados e formas menos marcadas podem estar presentes em contextos mais marcados. Logo, teríamos o equilíbrio cognitivo contextual, ou seja, o pretérito imperfeito do indicativo (estrutura menos marcada), que é considerado como estrutura mais simples em relação às perífrases imperfectivas, tende a aparecer no plano discursivo figura (em se tratando de imperfectividade, contexto marcado em relação ao fundo1).

**Tabela 03 – Atuação do relevo discursivo no uso do pret. imperfeito versus a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa.**

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
<b>Figura</b>	485/504	96,2	0.868
<b>Fundo1</b>	159/167	95,2	0.003

Na função habitual, consideramos as perífrases imperfectivas de passado como regra de aplicação, pois obtivemos mais ocorrências dessas formas: 97 dados contra 29 de pretérito imperfeito. Vejamos dois exemplos que ilustram essa função.

(19) **Solía soñar** con ratas, **solía oírlos** por la noche en su cuarto, y durante meses.../ **Costumava sonhar** com ratos, **costumava ouví-los** à noite em seu quarto, e durante meses... (*Clara* – Roberto Bolaño)

(20) Ese vicio solitario **se hacía** aún más solitario. / Esse vício solitário **ficava** ainda mais solitário. (*El enemigo* – Virgilio Piñera)

Deter-nos-emos agora nos valores percentuais atrelados ao relevo discursivo, que evidenciam, conforme tabela 04, maior ocorrência de formas imperfectivas de passado no fundo 2. Segue-se o fundo 1 e, por último, temos

o plano figura. Percebemos que a distribuição das perífrases se dá de forma equilibrada nos três planos discursivos.

**Tabela 4 – Ocorrência de perífrases imperfectivas na função habitual de acordo com o relevo discursivo<sup>14</sup>**

Fatores	Aplicação/Total	Percentual
<b>Figura</b>	11/15	73,3
<b>Fundo 1</b>	20/26	76,9
<b>Fundo 2</b>	66/85	77,6

Na função desiderativa, amalgamamos o fundo 1 com o fundo 2 para eliminar um nocaute<sup>15</sup> no fundo 1 e consideramos a perífrase imperfectiva de passado como regra de aplicação, pois obtivemos mais ocorrências dessa forma: encontramos 113 dados de perífrases imperfectivas de passado e 56 de pretérito imperfeito. Vejamos dois exemplos ilustrativos, seguidos dos resultados estatísticos.

- (21) Integró una biblioteca con volúmenes rosa, tuvo casi todos los discos de Pedro Vargas y algunos de Elvira Ríos; llegó un momento en que ya poco **deseaba**./Integrou uma biblioteca com volumes rosa, teve quase todos os discos de Pedro Vargas e alguns de Elvira Ríos; chegou um momento em que já pouco **desejava**. (*Bruja* – Julio Cortázar)
- (22) Era bello, fino, se llamaba Esteban, jamás quería salir de la casa: así **tenía que ser**. / Era belo, fino, se chamava Esteban, jamais queria sair da casa: assim **tinha que ser**. (*Bruja* – Julio Cortázar)

<sup>14</sup> Para esta tabela, não apresentamos pesos relativos em virtude de o programa GOLDVARB não ter selecionado o grupo de fatores “relevo discursivo” como estatisticamente significativo para a variação entre imperfeito e perífrases na função habitual.

<sup>15</sup> Nocaute é o termo usado para um contexto em que se encontra realização categórica.

**Tabela 05 – Atuação do relevo discursivo no uso da perífrase imperfectiva *versus* o pret. imperfecto na codificação da função desiderativa**

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>Percentual</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Figura</b>	1/20	5,0	0.000
<b>Fundo</b>	112/149	75,2	0.844

A partir dos pesos relativos obtidos, podemos verificar que, no plano discursivo fundo, há maior recorrência de perífrases imperfectivas de passado, com peso relativo 0.844, fato que não se repete com a figura, pois o peso relativo é 0.000, ou seja, nesse plano discurso, não há praticamente a forma perifrástica, pois encontramos apenas uma ocorrência. Temos um nocaute negativo, o que indica que a regra de variação, possivelmente, nunca será aplicada no contexto desse fator, ou seja, no plano da figura.

Tomando por base o princípio da marcação, podemos tecer as seguintes considerações: a) na figura, as perífrases imperfectivas são mais marcadas, pois apresentam maior complexidade estrutural, já que são estruturas maiores e, por essa razão, tendem a ser mais complexas também cognitivamente, pois demandam maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento. Por conta disso, são menos frequentes do que o elemento não marcado, ou seja, o pretérito imperfecto do indicativo; b) no fundo, as perífrases imperfectivas de passado (formas marcadas) são mais recorrentes do que a forma não-marcada, no caso, o pretérito imperfecto do indicativo. Vale destacar que esse contexto, no que se refere à imperfectividade, é menos marcado em relação ao plano discursivo figura, o que pode levar à utilização de formas mais complexas estruturalmente.

## Considerações finais

Com base nos resultados e análises empreendidas, é necessário que repensemos o papel da imperfectividade atrelada ao fundo da narrativa, ou seja, é necessário que não fiquemos atrelados à correlação clássica entre figura-formas perfectivas e fundo-formas imperfectivas, já que a literatura existente sobre o tema apresenta tendências de uso das formas imperfectivas como fundo, não negando categoricamente que usos diferentes (como figura,



por exemplo) possam ser identificados na língua em uso. A imperfectividade constitui-se um domínio funcional<sup>16</sup> e não está associada somente às formas aspectuais imperfectivas, mas, também, às formas perfectivas. Vejamos um exemplo de formas do pretérito perfeito composto do indicativo que pode expressar um valor imperfectivo durativo:

- (23) Desde pequeño **he sido** feliz, **he tenido** acceso a las cosas que me gustan y **he desarrollado** mis aptitudes./ Desde pequeno **fui** feliz, **tive** acesso às coisas de que gosto e **desenvolvi** minhas atitudes. (*El desarrollo* – Juan Morales)

Nesse exemplo, o uso do pretérito perfeito composto não deixa claro se o personagem ainda é feliz, tem acesso às coisas de que gosta e desenvolve suas atitudes, ou seja, as formas perfectivas em questão não determinam se a ação é acabada ou inacabada. Por conta disso, podemos ter uma leitura perfectiva e outra imperfectiva. Ademais, temos de considerar os usos das formas imperfectivas que contribuem para a progressão da narrativa, tais como lentificação da ação, frustração iminente da ação, habitualidade etc. Diante das considerações ora apresentadas, propomos a reformulação da relação figura e fundo, no sentido de analisar a imperfectividade<sup>17</sup> não mais atrelada a formas, mas a um domínio funcional que pode estar presente nos dois planos da narrativa: a) Figura: formas perfectivas com função perfectiva ou imperfectiva e usos especializados das formas imperfectivas que contribuem para a progressão da narrativa; b) Fundo 1 e 2: formas verbais imperfectivas que dão suporte para os fatos a serem narrados.

<sup>16</sup> Este termo é empregado no sentido proposto por Givón (1984) para domínio funcional, ou seja, corresponde às áreas funcionais que compõem a gramática, que podem se referir a áreas funcionais gerais (ou macrodomínios), como TAM (tempo/ aspecto/ modalidade), caso, referência, ou a áreas mais estritas (microdomínios), como o tempo futuro, o sujeito, a dêixis, a especificação nominal, etc.

<sup>17</sup> Macrodomínio funcional caracterizado por ter limites implícitos, por não ser dêitico e por representar situações em progresso (ações dinâmicas) ou configuradas em sua existência (estado).

Márluce COAN; Valdecy de Oliveira PONTES. Discursive grounding and use of imperfective past in literary narratives. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 50-79, 2012.

**ABSTRACT:** *The aim of this paper is to discuss the correlation between foreground discursive plan and perfectivity and background discursive plan and imperfectivity, in order to demonstrate that imperfective forms do not only describe, comment, inform details, and support the main actions, but are also responsible for the narrative progression. The data of the imperfect past and imperfective periphrases were analyzed in twenty-four short stories written by Spanish authors, selected according to the following cultural parameter: Caribbean; Mexico and Central America; Andes; Rio de Prata; Chile and Spain. A total of 2093 data was obtained, being 1803 of the imperfect indicative past, 86,15% of the total, and 290 imperfective past periphrases, which corresponded to 13,85% of the total. It turned out that the imperfective past forms took on new roles over time, formerly used as narrative background as they started acting in the textual progression. Our results also demonstrated the use of imperfective and periphrases in the codification of various functions: (i) descriptive, narrative, habitual, and desiderative functions are variably codified by the imperfective and the periphrases; (ii) the interactive functions, present, future, simultaneity, courtesy, recreational, and contrariety are codified, in the analyzed corpus, only by the imperfect.*

**KEYWORDS:** *Discursive Grounding. Imperfect Past. Imperfective Periphrases.*

## Referências

- ALCINA, J.; BLECUA, J. M. **Gramática española**. Barcelona: Ariel, 1975.
- BELLO, A. **Gramática de la lengua castellana**. Buenos Aires: Sopena, 1847.
- BERTINETTO, Pier Marco. **Tempo, aspetto e azione nel verbo italiano. Il sistema dell'indicativo**, Florencia: L'Accademia della Crusca. 1986.
- BOLAÑO, Roberto. **Llamadas telefónicas**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1997.
- BYBEE, J. Cognitive Process in grammaticalization. In: TOMASELLO, M. **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure**. v. 2. New Jersey/London: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 145-167.
- BRUCAT, J. M. El valor del imperfecto de indicativo en español. In: **Primer Congreso Internacional de la Asociación Coreana de Hispanistas**. Chonbuk: Universidad Nacional de Chonbuk, 2001.
- CANO, R. A. **Historia de la lengua española**. 2. ed. Barcelona: Editorial Ariel, 2005.
- CASTILHO, A. T. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, 1967.

CELA, Camilo José. Noventa minutos de rebotica. In: PADILLA, Jose Montero. **Cuentos Madrileños**. Madrid: Editorial Castalia S.A., 2002.

\_\_\_\_\_. Marcelo Brito. In: PÉREZ, Óscar Barrero. **El cuento español 1940-1980**. Madrid: Editorial Castalia S.A., 1989.

\_\_\_\_\_. La eterna canción. In: CORRALES, J. **Cuentos para leer después del baño**. Barcelona: Ediciones Juan Granica S.A., 1987.

CHEDIER, C. M. **Perfil de figura/fundo em crianças com e sem queixas escolares**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

COMRIE, B. **Tense**. 4. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

\_\_\_\_\_. **Aspect**. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

\_\_\_\_\_. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CORTÁZAR, Julio. **Cuentos completos 1**. 2. ed. Buenos Aires: Punto de lectura, 2008.

CORRALES, J. **Cuentos para leer después del baño**. Barcelona: Ediciones Juan Granica S.A., 1987.

COSERIU, E. **El sistema verbal románico**. México: Siglo XXI Editores, 1976.

COSTA, S. B. B. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1990.

DAHL, Ö. **Tense and aspect systems**. Oxford: Blackwell. 1985.

DUBOIS, S.; VOTRE, S. J. **Análise modular e princípios subjacentes do funcionamento linguístico: a procura da essência da linguagem**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

FREITAG, R. M. K. **A expressão do passado imperfeito no português: variação/gramaticalização e mudança**. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2007.

GARCÉS, M. P. **Las formas verbales en español valores y usos**. Madrid: Editorial Verbum, 1997.

GARCÍA FERNÁNDEZ, L. El pretérito imperfecto: repaso histórico y bibliográfico. In: GARCÍA FERNÁNDEZ, L.; CAMUS BERGARECHE, B. (Ed.). **El pretérito imperfecto**. Madrid: Gredos, 2004.

\_\_\_\_\_. **El aspecto gramatical en la conjugación**. Madrid: Arco/Libros, 1998.

GENTA, Florencia. **Perífrasis verbales en español**: focalización aspectual, restricción temporal y rendimiento discursivo. Tesis (doctoral) – Universidad de Granada, Granada, 2008.

GIVÓN, Talmy. Tense-Aspect-Modality. In: \_\_\_\_\_. **Syntax**: a functional-typological introduction. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984. p. 269-320.

\_\_\_\_\_. **Syntax**: a functional-typological introduction. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

GUTIÉRREZ ARAUS, L. M. **Formas temporales del pasado en indicativo**. Madrid: Arco/Libros, 1997.

HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. In: GIVÓN, Thomas (Org.). **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language**, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.

LABOV, W.; WALETSKY, J. Narrative analysis. In: HELM, J. (Org.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.

\_\_\_\_\_. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, 44, Texas, 1978.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português**: expressões da duração e da reiteração, os adjuntos que focalizam eventos, momentos estruturais na descrição dos tempos. São Paulo: Contexto, 2001.

LIMA, Maria Claudete. **A não-atribuição de causalidade na crônica geral de Espanha de 1344**. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MALDONADO, J. G. **El aspecto imperfectivo en inglés**: su expresión y función en el texto narrativo. 456 p. Tesis Doctoral de la Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Filología, Departamento de Filología Española I, 1992.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Doce cuentos peregrinos**. 17. ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2010.

MATTE BON, F. **Gramática comunicativa del español**. Tomo I: De la lengua a la idea. Madrid: Edelsa, 2003.

MOUNIN, G. Problèmes terminologiques de l'aspect. **Linguistique Antverpiensia**, v. 2, p. 317-328, 1968.

PEZATTI, E. G. O Funcionalismo em Linguística. In: \_\_\_\_\_. **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 165-218.

PIÑERA, Virgilio. **El que vino a salvarme**. Madrid: Cátedra, 2008.

PONTES, Valdecy de Oliveira. **O uso dos pretéritos perfeito (simples e composto) e imperfeito do indicativo em narrativas escritas em espanhol por aprendizes brasileiros em formação docente universitária**: uma análise funcionalista. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Curso de Pós-graduação em Linguística Aplicada. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009. 119p.

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1982, 305p.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (RAE). **Nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 2009.

RUIZ CAMPILLO, J. P. Instrucción indefinida, aprendizaje imperfecto. Para una gestión operativa del contraste imperfecto / indefinido en clase. **Mosaico**, v. 15, p. 9-17, 2005.

RULFO, Juan. **El llano en llamas**. Madrid: Editorial Planeta, 2007.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X** – A multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SILVA, G. R. **O aspecto verbal nas formas simples dos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo no Português culto de Fortaleza**: uma abordagem semântico-discursiva. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SILVA, I. M. **As voltas que o modo dá**: parâmetros funcionais da alternância indicativo/subjuntivo em espanhol. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SILVEIRA, E. **O aluno entende o que se diz na escola**. Rio de Janeiro: Dunya, 1997.

SMITH, C. **The parameter of aspect**. Dordrecht, Boston, Londres: Kluwer Academic Publishers, 1997.

WEINRICH, H. **Le temps**. Paris: Seuil, 1973.